



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA IMAGINÁRIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM: UMA ANÁLISE EM C.S.LEWIS

Nathan D’Almeida Alves de Oliveira; Arineyde Maria D’Almeida Alves de Oliveira;
Emmanoel de Almeida Rufino (orientador)

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB), campus João Pessoa,
oliveiranathan4@gmail.com.*

Resumo: Com o início da modernidade o terrível pensamento de que os mitos, os contos de fadas e as histórias fantásticas no geral não contribuem em nada com o processo de aprendizagem vem se alastrando cada vez mais. Percebemos isso com a postura de certos acadêmicos que criticam veementemente o uso desse tipo de literatura para o ensino, acusando as mesmas de levarem as pessoas, especialmente as crianças, a uma espécie de “escapismo” da realidade. Diante disso o escopo desse trabalho é analisar o pensamento proposto pelo escritor, professor e crítico literário da universidade de Oxford, Clives Staples Lewis (1898 – 1963). Com esse pensamento, Lewis levanta a bandeira em defesa da literatura imaginária, argumentando que a mesma é de excepcional importância para o desenvolvimento do ser humano em diversos aspectos, ressaltando o ideal da obtenção da verdade encontrada no mundo metafísico e sua aplicação no mundo real. Para tal, utilizamos diversas obras de autoria do próprio Lewis, além de uma das maiores e mais conceituadas biografias da vida do autor, de autoria de Alister McGrath. No fim do trabalho encontramos os resultados que pretendíamos, entendendo de forma clara e distinta o importante papel que a leitura de obras fantásticas exerce no processo de aprendizagem e como essa literatura nos ajuda a compreender melhor quem nós somos, e o mundo em que vivemos.

Palavras-chave: C.S.Lewis, Literatura Imaginária, Processo de aprendizagem.

INTRODUÇÃO

Clives Staples Lewis (1898 – 1963) é amplamente conhecido no mundo como uma referência literária e cultural, por ter sido um notável professor de Literatura e crítico literário na universidade de Oxford (MCGRATH, 2013). Sua fama internacional pode ser atribuída a seu *Magnum opus: As crônicas de Nárnia*, um conjunto de sete livros que falam sobre a terra mágica de Nárnia. No entanto, como defende Owen Barfield, amigo de Lewis, citado por Alister McGrath em sua biografia sobre a vida do autor (BARFIELD *apud* MCGRATH, 2013) existe três Lewis. O Lewis autor de Livros famosos, o Lewis apologista cristão e, por fim, o Lewis professor e crítico literário. Esse trabalho se propõe a analisar as ideias expressas pelo último Lewis, buscando a importância para ele da chamada Literatura no âmbito fictício e imaginário.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Observa-se que desde os primórdios da civilização o homem busca transmitir o conhecimento através de metáforas e alegorias, em detrimento da realidade em si, tal fato pode ser observado, por exemplo, no ideal de formação ética do ser humano para os gregos (A Paidéia), onde o ato de contar histórias se configurava num processo de aprendizagem sobre o mundo a partir do momento em que o ouvinte passava a compreender as verdades ali implícitas de maneira metafórica. Com a chegada do modernismo, tais ideias acabaram sendo consideradas ultrapassadas e ineficazes, sendo, como argumenta Lewis em seu ensaio *três maneiras de escrever para crianças*, acusadas de levar as pessoas a uma espécie de escapismo e classificadas por muitos como uma forma ineficiente de aquisição de conhecimento, por não tratar as coisas como realmente são, sendo, portanto, impossível desenvolver um processo de aprendizagem envolvendo a literatura ficcional, mais especificadamente a literatura imaginária, a exemplo dos mitos e contos de fadas. Nas palavras do próprio Lewis:

O conto de fadas é acusado de dar às crianças uma falsa impressão do mundo em que vivem. Na minha opinião, porém, nenhum outro tipo de literatura que as crianças poderiam ler lhes daria um impressão tão verdadeira. As histórias infantis que se pretendem “realistas” tendem muito mais a enganar as crianças. (LEWIS, 2009, p.746).

Em contraponto com essa ideia de escapismo, Lewis argumenta que na verdade as histórias provenientes do imaginário humano servem como uma espécie de manifestação metafórica da verdade, onde alguém, que no caso podemos relacionar com os pais ou os professores, esta incumbido de repassar as historias aos seus aprendizes e ajudá-los a, por conta própria, conseguirem compreender o verdadeiro sentido implícito naquelas histórias.

Diante do exposto enxergamos a importância do nosso trabalho como uma forma de expor o pensamento de Lewis acerca do tema da aprendizagem, dando margem para que estudantes e educadores possam vir a conhecer o vasto e riquíssimo universo da literatura imaginária como uma importante forma da formação do conhecimento intelectual e prático do ser humano, ressaltando o ideal apresentado por Lewis e por outros autores da relação do universo metafísico com a captação e compreensão das verdades presentes no nosso mundo. Também enxergamos o valor de combatermos as ideias modernas de um aprendizado baseado numa literatura exclusivamente “realista”, tratando com desdenho as histórias que abordam coisas para além do comum e natural. Esse último fato é abordado metaforicamente por Lewis em uma parte do seu livro *O sobrinho do Mago*:



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

- Acho que alguém mora lá, escondido, saindo e entrando tarde da noite, com uma lanterna abafada. Acho que vamos descobrir um bando de assassinos e ganhar uma recompensa. É besteira acreditar que uma casa fique vazia esse tempo todo, a não ser que exista algum mistério.
- Papai acha que é por causa do mau estado do encanamento – observou Polly.
- Encanamento! Gente grande tem mania de dar explicações sem graça! – disse Digory (LEWIS, 2009, p.14).

Com tudo que foi apresentado, temos nesse trabalho como objetivo principal pesquisar e apresentar o pensamento de Lewis acerca da efetividade do processo de aprendizagem baseado na leitura e compreensão de obras fantásticas, tais como os mitos, os contos de fadas, e os livros clássicos de ficção fantástica no geral. Resolvemos especificadamente analisar as ideias expressas por Lewis acerca da literatura imaginária e sua relação com o aprendizado, compreender como se organiza o pensamento de Lewis exposto em suas obras acerca do tema anteriormente citado e por fim apresentar de forma clara e distinta o que o autor pensava a respeito do imaginário e sua relação com a aprendizagem.

METODOLOGIA

Para a realização deste trabalho foram utilizadas exclusivamente referências bibliográficas e artigos que tivessem alguma relação com a vida do escritor Irlandês e seus pensamentos a respeito da Literatura imaginária e sua relação no processo de aprendizagem, inclusive textos de autoria do próprio Lewis. A biografia “*A vida de C.S.Lewis: Do ateísmo às terras de Nárnia*” do famoso acadêmico e intelectual Alister McGrath e a obra “*Surpreendido pela alegria*” de autoria do próprio Lewis, foram usadas para analisar detalhadamente a vida do autor, buscando suas ideias a respeito dos temas anteriormente citados. Além dessas duas obras, utilizamos também o ensaio do próprio Lewis sobre a literatura e a escrita para crianças, intitulada “*Três maneiras de escrever para crianças*”, também usamos o conjunto de livros intitulado “*As Crônicas de Nárnia*” e a obra “*Além do planeta silencioso*”, ambas de autoria de Lewis. Nessas duas últimas buscamos encontrar as ideias implícitas no texto, para chegarmos à conclusão do que o autor quis dizer, tal método de análise textual era por ele mesmo defendida. Por fim foi utilizado um artigo da professora, historiadora e filósofa brasileira, Gabriele Greggersen, onde é abordado temas como a vida de Lewis, a literatura e o processo de aprendizado.

O processo da pesquisa se deu por etapas onde primeiramente estudamos a vida e os pensamentos do autor, atentando mais para as suas ideias acerca do imaginário e da literatura,



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

e procurando desde já estabelecer uma relação dessas ideias com a importância da leitura fantástica no processo de aprendizado, seja infantil ou não. Depois disso partimos para a leitura das obras fictícias de Lewis, procurando encontrar nelas alguns elementos intrínsecos que se relacionassem com o tema maior de nossa pesquisa e que pudessem ser utilizadas para fundamentar os nossos resultados anteriormente obtidos, com textos do próprio autor. Por fim buscamos artigos que abordassem temas parecidos com os do nosso trabalho e que pudessem ser utilizados para firmar ainda mais nossas conclusões sobre o pensamento de Lewis. Nessa última etapa encontramos e utilizamos um único artigo. A realização dessas etapas nos levou a conclusão do trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como abordamos na metodologia, esse trabalho foi realizado por etapas e os resultados serão apresentados conforme as mesmas.

A primeira etapa se trata do estudo da vida e pensamentos de Lewis, atentando para suas ideias acerca do imaginário e como isso pode ser relacionado com o processo de aprendizagem. Em nossas pesquisas, pudemos perceber um notável desgosto de Lewis com a educação exclusivamente baseada em obras “realistas”, como citado pelo próprio autor no capítulo dois da sua obra *“surpreendido pela alegria”*, onde Lewis discorre acerca dos seus primeiros anos na escola.

Houve uma grande decadência na minha vida imaginativa. Durante muitos anos a alegria (na forma como a defini) esteve não apenas ausente, mas também esquecida. Minhas leituras se restringiam principalmente a coisas imprestáveis; (...). Quando o menino passa da literatura infantil à escolar, ele retrocede em vez de evoluir (LEWIS, 2015, p.37, 38).

Para iniciar seus argumentos, Lewis parte do pressuposto que devemos abandonar todo tipo de preconceito histórico, devemos primeiramente considerar que os textos antigos têm muito a nos dizer mesmo nos dias de hoje. Para Lewis, o problema desse preconceito é que ele acaba gerando uma espécie de “esnobismo cronológico”, fazendo com que as pessoas passem a considerar o presente inevitavelmente superior ao passado, (McGrath, 2013). Após abandonarmos esse pensamento baseado numa opinião antecipada, Lewis expõe qual o real problema existente em basearmos o processo de aprendizado e ensino inteiramente em obras consideradas “realistas”. Para Lewis, e esse argumento é exposto no seu ensaio *“Três maneiras de escrever para crianças”*, as histórias que falam sobre temáticas reais acabam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

fazendo com que o aluno (aquele que busca o conhecimento) tenha uma falsa impressão da realidade ao acreditar que tudo o que os personagens viveram naquelas histórias poderá de fato acontecer com ele e ficando decepcionado quando perceber que a realidade em certo sentido é muito diferente delas. Os mitos, os contos de fadas e todas as boas histórias fantásticas, no entanto, fazem com que o aluno perceba a realidade de uma forma bastante diferente e distinta, como Lewis defende no seu ensaio:

Todas as histórias em que as crianças passam por aventuras e sucessos que são possíveis, no sentido de que não rompem as leis da natureza, mas quase infinitamente improváveis, tendem muito mais que os contos de fadas a criar falsas expectativas. (...). Mais uma vez, vamos comparar o conto de fadas com a história escolar (...). O segundo, especialmente quando voltado para algo tão próximo como a vida escolar, é voraz e extremamente sério. Sua realização no nível imaginário é de fato compensadora: nós a buscamos, fugindo das decepções e humilhações do mundo real, e somos mandados de volta a ele com uma insatisfação nem um pouco divina. Trata-se sempre de lisonjear o ego. O prazer consiste em imaginar-se objeto de admiração. O outro anseio, o anseio pelo país das fadas, é muito diferente. Em certo sentido, a criança não anseia pelo país das fadas da mesma maneira que o garoto anseia por ser o herói da sexta série. Será que alguém supõe que ele, de fato e prosaicamente, anseia pelos perigos e desconfortos de um conto de fadas? (...). De jeito nenhum. Seria muito mais verdadeiro dizer que país das fadas desperta no menino um anseio por algo que ele não sabe o que é. Comove-o e perturba-o (enriquecendo toda sua vida) com a vaga sensação de algo que está além do seu alcance, e, longe de tornar insípido ou vazio o mundo exterior, acrescenta-lhe uma nova dimensão da realidade. (...). O menino que lê a história do tipo “escolar” do tipo que tenho em mente deseja o sucesso e fica infeliz (quando termina o livro) porque esse sucesso lhe escapa; o menino que lê o conto de fadas simplesmente deseja e sente-se feliz no próprio ato de desejar. Sua mente não esteve concentrada nele mesmo, como acontece freqüentemente nas histórias mais realistas. (LEWIS, 2009, p.746-747).

Como é possível perceber na citação acima, para Lewis a literatura imaginária é capaz de enriquecer a vida infantil de uma forma que nenhum outro tipo de literatura é apta a fazer. Essa capacidade única confere as histórias do imaginário uma espécie de “verdade ainda não revelada” que obriga o leitor delas a esmiuçá-las na esperança de encontrar o que ela realmente quer dizer, estimulando assim a ânsia por conhecimento e acelerando o processo de aprendizagem.

A partir desse ponto entramos na segunda etapa abordada na metodologia, a análise das obras fictícias de Lewis, procurando elementos que se encaixem nas ideias anteriormente expostas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Começando pelo pensamento de Lewis acerca da verdade física implícita de maneira metafísica nas histórias, podemos citar o episódio narrado no livro de ficção científica do autor, intitulado “*Além do planeta silencioso*” onde um dos personagens revela que a melhor maneira de se entender a relação entre “lembança e prazer” é através da metafísica de um poema. A título de explicação, as palavras em itálico estão presentes na obra original e se referem a termos e seres pertencentes unicamente à obra.

Um prazer atinge sua plenitude somente quando é lembrado. *Hhomem*, você está falando como se o prazer fosse uma coisa, e a lembrança, outra. Tudo é uma coisa só. Os *séroni* poderiam explicar melhor isso do que eu. Mas não melhor do que eu poderia dizer num poema. O que você chama de lembrança é a ultima parte do prazer, como o *crah* é a última parte do poema. (...). Você diz que há poetas no seu mundo. Eles não lhes ensinam isso? (LEWIS, 2010, p. 97-98).

Essa ideia de transmissão do conhecimento de maneira metafísica pelos poetas é mais uma vez defendida na biografia da vida de Lewis por Alister McGrath.

Para Lewis, a poesia funciona não dando atenção ao poeta, mas ao que o poeta enxerga: “O poeta não é um homem que me pede para olhar para ele; é um homem que me diz ‘Olhe para aquilo’ e aponta”. O poeta não é um “espetáculo” a ser visto, mas um “conjunto de lentes” por meio das quais as coisas devem ser vistas. O poeta é alguém que nos capacita a enxergar coisas de um modo diferente, que mostra coisas que nós, de outra forma, não notaríamos. (MCGRATH, 2013, p. 206-207).

Nesses dois exemplos citados acima, podemos relacionar a figura do poeta com a figura do educador e assim, perceber que Lewis enxergava neles o papel não de despejar toneladas de informações e fazer com que seus aprendizes memorizem tudo simplesmente por mera obrigação inquestionável; mas o papel de um aio que conduz o aluno ao caminho do aprendizado, possibilitando que o mesmo desbrave por conta própria esse caminho que leva a busca das verdades implícitas nas histórias fantásticas. Ao fim do caminho, para Lewis, o aprendiz alcança a verdade do que tanto buscou, satisfazendo-se imensamente com isso. Essa satisfação de chegar à verdade é representada metaforicamente por Lewis no último livro das Crônicas de Nárnia, intitulado “*A última batalha*”, onde, após narrar a chegada dos protagonistas na terra por ele chamada de “verdadeira Nárnia”, em contraponto com a antiga Nárnia, o autor tenta descrever como era o aspecto e as sensações desse novo mundo, que é metaforicamente utilizada para representar a descoberta do verdadeiro conhecimento.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

É tão difícil explicar a diferença entre essa terra ensolarada e a antiga Nárnia, quanto dizer que gosto tinha as frutas daquele país. Talvez você consiga ter alguma ideia se pensar no seguinte: faça de conta que está em uma sala cuja janela dá para uma bonita baía, ou para um vale verdinho que se perde de vista entre as montanhas. Na parede oposta à janela existe um grande espelho. Agora olhe pela janela. Ao se voltar, você se depara com a mesma vista do mar ou do vale no espelho. E, no espelho, o mar ou o vale são, num certo sentido, exatamente a mesma coisa que os reais. Ao mesmo tempo, porém, existe algo diferente: são mais vivos, mais maravilhosos, mais parecidos com os lugares de uma história que você, apesar de jamais ter ouvido, gostaria muitíssimo de escutar. Pois bem: a diferença entre a Nárnia antiga e a nova era algo assim. Os campos da nova Nárnia eram muito mais vivos: cada rocha, cada flor, cada folhinha de grama parecia ter um significado ainda maior. Não há como descrevê-la: se algum dia você chegar lá, então compreenderá o que quero dizer (LEWIS, 2009, p.730).

Com a tentativa de nos apresentar esse pensamento abordado por Lewis na sua obra, Alister McGrath nos revela o verdadeiro sentido escondido em Nárnia.

É impossível entender o profundo apelo de Nárnia sem avaliar o lugar que histórias ocupam na formação do entendimento de nossa realidade e de nosso lugar nessa realidade. As crônicas de Nárnia repercutem fortemente a básica intuição humana de que nossa própria história é parte de algo maior – o qual, uma vez entendido, nos permite ver nossa condição de uma forma nova e mais significativa. Um véu é retirado, uma porta é aberta, uma cortina é afastada, e nós temos a possibilidade de entrar num novo reino. Nossa própria história é agora vista como parte de uma história mais abrangente, e isso nos ajuda a entender como nos encaixamos num esquema maior de coisas e a descobrir e valorizar a diferença que podemos fazer. (MCGRATH, 2013, p. 294).

É com o intuito de explicar melhor essa ideia apresentada que entramos na terceira e última etapa. Em seu artigo sobre a educação cristã e C.S.Lewis, a professora e historiadora brasileira Gabriele Greggersen, ressalta a importância dos contos de fadas como forma de aprendizagem.

Na literatura não há melhor método de contraste do que os contos-de-fadas, que consideram as coisas não diretamente como elas são ou se explicam, mas indiretamente, como elas não são, ou como foram vocacionadas a ser. Os contos-de-fadas, longe de representar uma infantilização ou banalização da realidade, revelam-se como um poderoso recurso didático, capaz de ensinar verdades “éticas” muito mais adultas do que podemos supor. Por isso é que todo bom crítico e educador amadurecido sabe apreciá-los: (...). (GREGGERSEN, 1999)

Percebemos claramente a semelhança do pensamento defendido pela historiadora com as ideias de Lewis. Ambos reconheçam as histórias fantásticas como excelentes recursos



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

didáticos que levam aos alunos uma melhor compreensão do mundo e deles mesmos. Como prova dessa relação entre ambos os autores, podemos citar mais uma vez uma parte da biografia de Lewis por McGrath:

Como Tolkien, Lewis tinha plena consciência do poder imaginativo dos “mitos” – histórias que tentaram entender quem somos, onde nos encontramos, o que deu errado e o que se pode fazer em relação a isso. (...). Lewis percebeu que o bem, o mal, o perigo, a angústia e a alegria, tudo isso pode ser visto mais claramente se estiver “imerso numa história”. Essas narrativas, através do “realismo de sua apresentação”, nos proporcionam um jeito de captar as estruturas mais profundas de nosso mundo em dois níveis: o imaginativo e o racional (MCGRATH, 2013, p. 294-295).

Através das ideias expostas acima, podemos notar que, para Lewis as histórias fantásticas carregam consigo as essências mais profundas da condição humana e que, abraçar essas histórias como parte do aprendizado e do ensino, é abraçar os maiores fundamentos de toda compreensão humana.

CONCLUSÕES

Diante de tudo que fora apresentado, concluímos que, para o escritor, professor e crítico literário Clives Staples Lewis, as histórias que fazem parte da literatura imaginária exercem um importantíssimo papel no processo de aprendizagem, possibilitando que aqueles que buscam o conhecimento venham a buscá-lo de forma pessoal e autônoma, enxergando as verdades escondidas nessas histórias e destrinchando-as, até retirarem do universo metafísico o verdadeiro conhecimento a respeito do universo físico. Dentro desse processo, concluímos que para Lewis o educador tem o papel semelhante ao de um poeta, o papel de conduzir sabiamente o seu educando perante o caminho da aprendizagem, ajudando-o a, por conta própria, compreender e enxergar completamente a essência dos mitos, contos de fadas, e histórias de âmbito fantástico no geral.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GREGGERSEN, G. Vivendo e aprendendo com C.S.Lewis: Princípios norteadores da educação cristã no século XXI, **Fides Reformata**, São Paulo, v.4, jan. 1999. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Mantenedora/CPAJ/revista/VOLUME_IV__1999__1/Gabriele.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LEWIS, C.S. **Além do planeta silencioso**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____. **As Crônicas de Nárnia**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

_____. **Surpreendido pela alegria**. Viçosa, MG: Ultimato, 2015.

MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis**: do ateísmo às terras de Nárnia. São Paulo: Mundo Cristão, 2013.